pensar português

Calcem as Barbatanas!

Um mergulho no
mundo desconhecido
das criaturas marinhas

HENRIQUE CABRAL
JOÃO LOPES MARQUES

GUERRA & PAZ

Aos nossos filhos, [1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13]

Joaquim, João e Antoine,
e Agnes, Jonas e Carmen

[1] Um pequeno esclarecimento… nós não temos filhos um com o outro, cada qual tem os seus;
[2] … mas não haveria qualquer problema se os tivéssemos, pois somos pessoas adultas, modernas, inclusivas e defensoras das liberdades;
[3] e só o poderíamos ser, pois, como amantes do oceano, e como relataremos neste livro, a natureza não tem pruridos deste tipo;
[4] Bom… amantes… nós apreciamos a vida marinha. Não queríamos que ficassem com a ideia de que temos amantes, e sobretudo que não pensassem que o somos um do outro, ou simultaneamente com um terceiro elemento – o oceano;
[5] E se todas estas variantes relacionais fossem legais, desejadas e consentidas, também não haveria problema;
[6] Dito isto, e voltando à questão inicial, contrariamente a muitos organismos marinhos – como veremos adiante –, não temos essa possibilidade biológica, recordamos, de ter filhos um do outro;
[7] mas mesmo que tal possibilidade existisse, julgo que não estaríamos interessados em explorar esse caminho;
[8] não que isto constitua uma crítica a eventuais hermafroditas funcionais, caso existam. Sejam muito bem-vindos e felizes;
[9] ou talvez a resposta esteja mesmo à flor da pele;
[10] Esclareçamos: há «cientistas» que tentam criar óvulos a partir de células da pele. Se o conseguirem, será, teoricamente, possível fecundar esse óvulo «masculino» com espermatozóides de outro homem;
[11] será, sem dúvida, uma grande «ovolução» científica;
[12] mas deixemos essas irritações cutâneas e mergulhemos no oceano da vida marinha;
[13] ainda antes de mergulhar… como corolário, e em nome da inclusividade, da coerência e da fé no que acima expusemos, até as crianças – organismos do devir – mereceriam que as maternidades passassem a chamar-se «Oportunidades», como «Oportunidade Alfredo da Costa» ou «Oportunidade Júlio Dinis», entre tantas outras onde o futuro se facilita aos fetos que são já hoje e amanhã.

Índice

ANTES DE MERGULHAR 13

CAPÍTULO 1: MITOS E MONSTROS DO MAR 17

1. Narval: o «unicórnio» que burlou nobres medievais 19
2. Lula-gigante: monstro literário e rival do cachalote 23
3. Tamboril: a isca bioluminescente digna dos contos de terror 29
4. Peixe-serra: ferramenta viva ou o sempiterno mito-serra? . . . 33
5. Serpente-marinha: desmistificando avistamentos do passado 37
6. Dugongo: sereia ou ilusão de marinheiro, eis a questão? 41
7. Medusa-de-cristal: quase imortal e etérea, qual fantasma . . . 45
8. Peixe-bolha: um camafeu comprovado ou profunda injustiça? 51

CAPÍTULO 2: O MAR DAS CURIOSIDADES BIZARRAS 55

9. Enguia-pelicano: uma maternidade muito questionável 57
10. Tubarão-duende: mestre na arte de mandar bocas 61
11. Esponja-harpa: qual música, qual carapuça! 65
12. Polvo-dumbo: num circo de feras a abanar as orelhas 69
13. Frango-sem-cabeça: com alarme ou com picante? 73
14. Peixe-olhos-de-barril: ladrão de olhos verdes e telhado de vidro? 77
15. Celacanto: um morto-vivo que já meteu a pata na poça 81
16. Peixe-morcego-de-lábios-vermelhos: viril cavaleiro das sombras ou *drag queen* do oceano? 85

CAPÍTULO 3: PREDADORES IMPLACÁVEIS 89
17. Tubarão-branco: aquele do filme do Spielberg 91
18. Anchova: a insuspeita piranha-marinha dos *blue blitzs* 97
19. Foca-leopardo: mas afinal quem é o predador implacável? . . 103
20. Barracuda: o hábito de não pedir desculpas 109
21. Espadarte: olhar quente, espadeirada fria 115
22. Lula-de-humboldt: a grande pota do Chile 121
23. Conus: um búzio superapetrechado e mortal 127
24. Cabeça-lisa colossal: lutador de sumo, predador 4,9 131

CAPÍTULO 4: DEFENSORES SUBMARINOS 135
25. Peixe-porco: entre grunhidos, sonecas e mau feitio 139
26. Mixina: se ficar o bicho não pega, se ficar o bicho não come . . 143
27. Caranguejo-pugilista: *cheerleader* sem complexos de virilidade? 147
28. Peixe-balão: inchar para viver, envenenar para matar 153
29. Polvo-imitador: perturbação de personalidade múltipla ou simplesmente inteligente? 159
30. Pepino-do-mar: um mártir da defesa 165
31. Peixe-cirurgião: um doente impaciente pela defesa do amor . 171
32. Sardinopa: uma por todas e todas por uma 177

CAPÍTULO 5: GIGANTES DO AZUL 181
33. Baleia-azul: o último limite da envergadura animal 183
34. Tubarão-baleia: um gigante tímido em busca de privacidade 189
35. Peixe-remo: um masoquista que não quer vogar? 195
36. Peixe-lua: o gigante bonacheirão que adora apanhar sol . . . 201
37. Santola-gigante: pernas para que te quero? 205
38. Raia-manta-gigante: um mestre a abafar plâncton 211
39. Polvo-gigante-do-pacífico: cada tentáculo, sua sentença . . . 217
40. Crocodilo-marinho: a mãe de todas as dentadas 223

CAPÍTULO 6: OS PEQUENINOS DO OCEANO 227
41. vB_RpoMi-Mini: a infectar o Acordo de Paris 229
42. Pequena Archaea a cavalo: e que Noé uma bactéria 235

43. Minidisco: vira o disco, ataca mesmo 241
44. Estrelinha: a sorte é uma maré 247
45. Bestiolina: uma sopa que vem de longe 253
46. Cabozinho: o menino que nunca foi 259
47. Lixinha-anã: mas afinal quem se lixa? 265
48. Vaquita: «Pequeñita con su manchita» 271

CAPÍTULO 7: OS ENGENHEIROS DO OCEANO 275
49. Camarão-pistola: criador de bolhas supersónicas 277
50. Peixe-pedra: engenheiro químico letal ou Egas Moniz do oceano? 281
51. Peixe-voador: quebrando fronteiras entre água e ar 287
52. Ostra: filtradora do oceano ou bomba gastroentérica? 293
53. *Kelps*: cromistas em fazer florestas gigantes 299
54. Coral chifre-de-veado: engenheiro civil à procura de casa . . 305
55. Barroeira: senhora dos anéis, criadora de conteúdos 311
56. Raia-eléctrica: a electrocutar presas e a curar a humanidade . 317

CAPÍTULO 8: OS MIGRANTES DO OCEANO 321
57. Enguia-europeia: via-sacra atlântica 323
58. Salmão-do-atlântico: o bom filho à casa torna 329
59. Linguado-legítimo: assimetricamente chato 335
60. Tartaruga-de-couro: a minha vida por uma alforreca 341
61. Peixe-lanterna: o ascensorista do oceano 347
62. Baleia-de-bossa: migrante interestelar? 351
63. Lagosta-branca: timoneira medrosa da tragédia crustácea . . 357
64. Caranguejo-verde: conquistador enraivecido 363

CAPÍTULO 9: COMUNICAÇÃO, SEDUÇÃO E MISTÉRIO 367
65. Cachalote: mas afinal o que lhe passa pela cachola? 371
66. Zagaia-castanheta: a lançar luz no oceano 377
67. Golfinho-roaz: *in urina veritas* 381
68. Peixe-mandarim: paciência de chinês? 387
69. Platelminte-tapete-persa: o verme que não queria ser fêmea . 393
70. Náutilo: naturalmente belo e encantador 399
71. Cavalo-marinho: genuinamente equitativo 405

72. Molusco-misterioso: nada lesma a esquivar-se aos *paparazzi* 411

CAPÍTULO 10: METAMORFOSES, SIMBIOSES E ADAPTAÇÕES EXTREMAS 415
73. Medusa-juba-de-leão: uma fera das metamorfoses 419
74. Lampreia-marinha: a vida ventosa 425
75. Peixe-palhaço: vida modesta e urticante 431
76. Remora: assédio ou apenas amizade 437
77. Peixe-limpador: o paracetamol dos mares 443
78. Minhoca-de-pompeia: sauna ou banho turco? 449
79. Tubarão-martelo: o panóptico quase perfeito 455
80. Peixe-gelo: frio sem rachar 461

CAPÍTULO 11: FUTUROLOGIA SUBMARINA 466
81. Ursinho-d´água: herói tardígrado da conquista espacial . . . 469
82. Tubarão-da-gronelândia: *who wants to live forever?* 473
83. Medusa-imortal: vida a andar para trás. 479
84. Tunicado-caribenho: promessa oncossalvadora 485
85. Devoradora-de-petróleo: uma «zé-dos-plásticos» oceânica? . 491
86. Lula-vampiro: um ar que lhe deu. 497
87. Ouriço-do-mar: a alquimia do colar e descolar 503
88. Caranguejo-iéti: um hirsuto cultivador. 509

CAPÍTULO 12: IGUARIAS OCEÂNICAS 515
89. Atum-rabilho: lata ou *sushi* 517
90. Sardinha: valha-nos Santo António 523
91. Bacalhau: o «ouro» das navegações 529
92. Carabineiro: o rei das gambas, fiel ao longo dos séculos . . . 535
93. Percebes: sabe a pato?. 541
94. Pescada: desgraça de uns, felicidade de outros 547
95. Peixe-espada-preto: genuinamente abananado. 553
96. Verdinho: uma delícia do mar 559

ANTES DE SUBIRMOS 563

Antes de mergulhar

Para um português, a questão deve ser feita ao invés: de que outro assunto falar que não o mar? Para um país que tem mais fronteira marítima do que terrestre, o vizinho é o mar. E os povos implantados nestas terras à «beira-mar plantadas» assim o fizeram.

No Paleolítico, coabitavam em terras lusas o *Homo heidelbergensis* (e, não, não é o marido da Heidi, da série germano-suíça dos anos 70, mas um hominídeo assim chamado na sequência da descoberta de uma mandíbula na vila alemã de Heidelberg) e os Neandertais, cuja posição sistemática não é consensual (também estes devem o seu nome ao local onde foi encontrado o seu primeiro vestígio – a zona de Neander, igualmente na Alemanha).

Estas espécies e povos ancestrais procuravam aqui zonas mais amenas e ricas em recursos, fugindo assim à longa época de frio extremo e de pouca fartura que se abatia sobre a Europa Central.

E apreciavam, certamente, uma boa ginjinha, pão-de-ló, sardinhas e *surf*, pois estabeleceram-se na zona de Óbidos, Alfeizerão, Portimão e Peniche.

Mesmo com a fuga para ocidente, o *Homo heidelbergensis* não se safou da extinção (se soubesse ele hoje o que nós passamos à conta do aquecimento global, até diria uns palavrões em heidelberguês), mas lá ficou o outro, que se expandiu rapidamente.

O mar costeiro, as baías e os estuários davam muito do que era preciso e era quase garantido que não passariam «as passinhas do Algarve» (excepto os que fizeram deliberadamente a escolha de habitar no Sul do território).

As técnicas da salga, da secagem e mesmo da «putrefacção», ou uma mistura destas como a encontrada no «delicioso» *garum* romano, desde cedo permitiram prolongar a bonança de recursos destas zonas. O *garum* – pasta feita com sangue, vísceras e outras partes «nobres» de peixes, crustáceos e moluscos esmagados, deixada a apodrecer em salmoura durante cerca de dois meses – era um petisco muito apreciado que, provavelmente, constituiu uma das primeiras exportações «portuguesas», em particular da zona de Tróia, ou frente a Caetobriga, como se chamava na época romana.

Foi, por isso, com naturalidade que um povo espremido entre mouros e espanhóis, com animosidades cronicamente cíclicas e ambivalentes, procurou no mar um escape (problema agravado, à época, pela falta de literatura especializada sobre espiritualidades e paz interior, ioga, *reiki* e outras ferramentas para lidar com o *stress*).

As campanhas marítimas portuguesas permitiram ampliar o mar português e passar deste ao português no mar e no mundo. Dos sempre efémeros impérios ficam para a posterioridade imperiais heranças socioculturais e científicas que enriqueceram, continuadamente, o «tesouro» nacional.

Não é, por isso, de estranhar que jovens e adultos nutram um fascínio, respeito e infinita curiosidade pelo oceano e pelas suas criaturas.

E o Henrique e o João são disso exemplo. Lisboetas de gema (viriam a ser bem mais tarde cidadãos do mundo), amigos desde a escola primária, seguiriam correntes diferentes, por muitos mares, por vezes em águas temperadas, por vezes nem tanto, frequentemente distantes, mas sempre pautados pelas mesmas marés.

O Henrique era tímido e, desde muito cedo, ainda antes da chegada do buço e das borbulhas, sentia-se mais à vontade entre peixes e caranguejos nas poças da praia das Avencas do que entre os adultos, ou mesmo os seus compinchas, que, na altura, só pensavam em jogar à bola ou também… em jogar à bola.

Ser biólogo foi, assim, natural, para grande decepção dos seus progenitores, que sabiamente tinham preferência por um destino imaculado na medicina ou na advocacia. A biologia marinha trazia uma dificuldade acrescida que o fascinava: estudar bichos que, na maioria dos casos, não vemos e em que temos de fazer o esforço adicional de «mergulhar» no seu meio para os ver ou capturar.

Tão cedo quanto as economias dos presentes de Natal lho permitiram, investiu num curso de mergulho, que aprofundou, literalmente, a sua paixão pelo mar. O seu fato isotérmico de quatro milímetros de espessura, adquirido em segunda mão e dois números acima do seu tamanho, deixava-o em hipotermia dois a três minutos após o início de cada mergulho, mas não era isso que faria estremecer a sua vocação profissional.

O seu sonho de investigar a vida marinha e de tentar transmitir a jovens biólogos a beleza desta viria a ser concretizado em meados dos anos 90, o qual ainda perdura e é incessantemente alimentado pelas sucessivas descobertas que vai acompanhando.

O jovem João era um canivete suíço, um excelente aluno, mas mais um jovem canhoto perdido no seu foco, tais eram as distracções: seguir a escrita ou a matemática; uma vida de praia ou os treinos bidiários de voleibol?

Sobrepuseram-se a Ria Formosa (*vide* Manta Rota) e as Relações Internacionais, quiçá o mais generalista de todos os cursos superiores, uma boa antecâmara para quem queria navegar e aventurar-se por mundos reais e imaginários. E o mar continuava a estar lá. Como também estariam as recordações do mar português, «gravadas a ferro ardente» no seu acervo emocional, mesmo quando viajou pelo mundo para nos contar histórias de outras terras e de outros mares.

A areia, o cheiro a mexilhão e a maresia, as bolas-de-berlim (e as bolas *Nívea* também), fazem parte do nosso imaginário infantil partilhado, ao qual se adicionaram experiências muito diversas e muito próprias ao rumo que cada um seguiu.

O facto de constantemente fazermos humor e sermos irónicos com o mundo que nos rodeava, muitas vezes incompreendido por todos os restantes fantásticos amigos que tínhamos, alimentou um desejo de «um dia havemos de pôr isso cá fora» (e, claro está, não falamos do saco do lixo, nem de outro tipo de rejeições mais fisiológicas). E, assim, nasceu a ideia deste livro…

Na sequência de uma inócua mensagem de boas-festas e bom Ano Novo, houve um «infeccioso»: «Então e aquele nosso projecto? Eh pá! É este ano!» E foi!

Sem pretensões, queríamos partilhar histórias verídicas, e, portanto, com o rigor científico que se impõe, mas igualmente com a ironia que

tanto apreciamos desde tenra idade, tentando que fosse um divertido «mergulho» no mundo das criaturas marinhas para todos aqueles que são sensíveis ao mundo marinho (seja lá qual for o tipo de reacção que os anima – e poderá variar da fobia ao fetiche, sabemos…).

O universo da escolha era imenso. Há mais de 200 mil espécies de organismos marinhos. Impunha-se uma selecção. Não apelaríamos a milagres, nem trataríamos a questão de forma ligeira, mas há que assumir que foi tarefa difícil. Desaguámos em 96 retratos da vida marinha diversos e fascinantes.

E, caro leitor, o único desejo e satisfação que ambicionamos é que se divirta tanto na sua leitura quanto nós na sua escrita. Bom mergulho e, já sabe, sangue na guelra!

CAPÍTULO 1

Mitos e Monstros do Mar

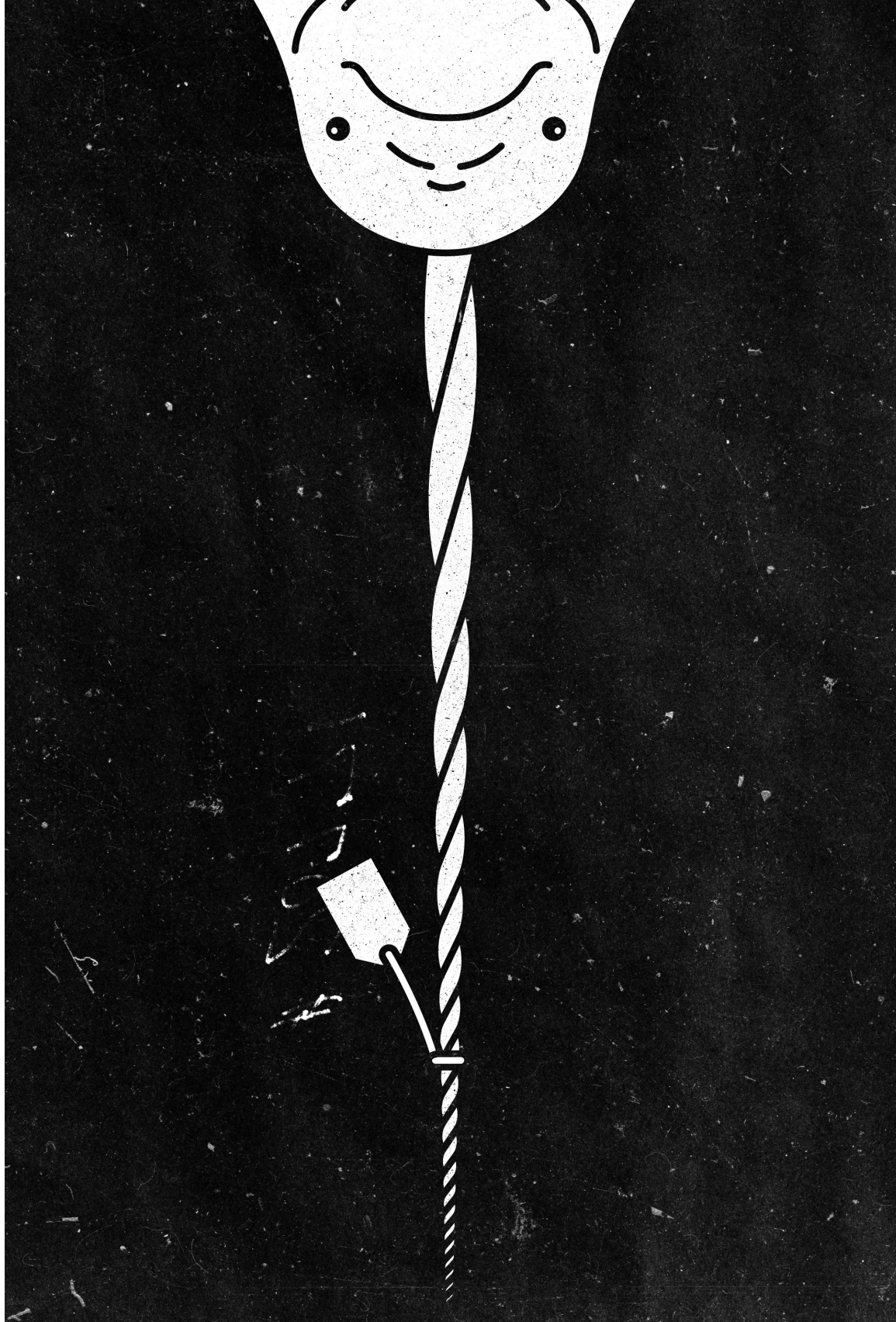
Mergulha no vasto oceano da imaginação humana, onde o desconhecido sempre exerceu um fascínio tão irresistível quanto inquietante. Desde as primeiras navegações até aos relatos científicos modernos, as profundezas marinhas foram palco de fantasias, terrores e projecções simbólicas que alimentaram lendas e mitos em torno de criaturas insólitas.

Este capítulo explora esse impulso ancestral de explicar o invisível por meio do extraordinário.

Entre os protagonistas deste bestiário subaquático estão o **narval**, cuja presa espiral confundiu nobres europeus a ponto de se vender como «chifre de unicórnio»; a **lula-gigante**, criatura de lenda e rival natural do cachalote, que inspirou monstros literários como o *kraken*; e o temível **tamboril**, com a sua boca abissal e isca luminosa, digno das mais sombrias narrativas de horror.

Há ainda a **serpente-marinha**, mito recorrente agora reinterpretado à luz de explicações zoológicas; o enigmático **dugongo**, que poderá ter sido o molde das primeiras sereias; a etérea e quase imortal **medusa-de--cristal**, cuja transparência evoca espectros marinhos; e o controverso **peixe-bolha**, tantas vezes ridicularizado, mas símbolo do juízo precipitado sobre criaturas adaptadas às pressões do abismo.

Este é, portanto, um capítulo em que a ciência e o mito se entrelaçam, revelando mais acerca dos humanos que os contam do que sobre os «monstros» em si.



1

Narval: o «unicórnio» que burlou nobres medievais

O seu nome significa, numa língua ancestral dos idiomas escandinavos, «baleia-cadáver», pelo facto de ter uma cor acinzentada que se assemelha a um cadáver (bom, naquela época não havia televisão a cores, nem TikTok, portanto, a referência cultural era um pouco limitada).

Não que o narval tenha pedido para ser associado a este charme mórbido, mas, ainda assim, tornou-se uma espécie de ícone medieval, ligado ao mito do unicórnio. É verdade, o unicórnio, essa criatura que os artistas medievais representavam como um cavalo branco (ou, vá lá, uma cabra) com um corno, simbolizando pureza e virgindade – dois conceitos muito valorizados por quem, na época, provavelmente nunca tomou banho.

Os registos mais antigos vêm da civilização Hindu, seguidos de referências na Grécia Antiga e na Pérsia. Na Idade Média e no início do Renascimento, atribuíram-se poderes curativos ao corno do unicórnio, capazes de curar todas as maleitas, de calosidades a más escolhas matrimoniais.

A ideia era que o corno, impregnado da virginal pureza do unicórnio, era um verdadeiro elixir universal. Porém, eis que surge a confusão: o narval entra em cena com o seu «corno», e os comerciantes da época decidem começar a vendê-lo em larga escala como se fosse o Santo Graal da medicina alternativa. A partir daí, as populações de narvais começaram a diminuir. Surpresa? Nenhuma. Mais uma vez, o ser humano a dar provas do seu talento único para esgotar recursos naturais.